

LISBON TALK

5/2021

Os Jovens e a Política

Oradores: **João Maria Jonet | Hitler Samussuku | Quitéria Guirengane**

Moderação: **Alcinda Honwana**

7 de Julho de 2021

Online a partir das redes sociais do Clube de Lisboa



Clube de Lisboa

Nesta Lisbon Talk, os jovens ativistas **João Maria Jonet**, **Hitler Samussuku** e **Quitéria Guirengane** estiveram à conversa com **Alcinda Honwana** sobre os principais problemas que preocupam os jovens atualmente e a forma como eles se mobilizam politicamente para os enfrentar.

O peso e percentagem da população jovem na sociedade varia grandemente consoante a região do mundo que analisamos. Se olharmos para o espaço ocidental, compreendido pelos EUA, Europa, Japão e Austrália, encontramos sociedades crescentemente envelhecidas, onde as taxas de nascimento não conseguem fazer frente ao aumento da esperança média de vida e conseqüente aumento da população idosa. Outro cenário se apresenta, porém, se olharmos para as regiões do sul global, nomeadamente para a América Latina, África e Sudeste Asiático. Aqui, não só a percentagem de população jovem prevalece sobre a restante, como também as altas taxas de nascimento fazem prever o prolongamento desta situação, como evidencia o caso africano em que a idade média do continente baixou para os 19 anos. Ainda assim, e apesar destas diferenças regionais, ao adotar uma perspetiva global na análise de questões populacionais, percebemos que a população mundial é maioritariamente jovem. Que papel podem, então, desempenhar estes jovens? Nada melhor do que ouvir testemunhos de quem dedica a sua juventude ao ativismo cívico.

Quitéria Guirengane confessa que ao longo do seu percurso de ativismo foi sempre confrontada com a narrativa de que um jovem bem-educado é aquele que não questiona a governação nem os órgãos de poder, mas que milita nas instituições já estabelecidas em concordância com as suas normas e princípios. Quitéria adiciona ainda que, para o caso específico de Moçambique, a legislação apenas prevê a participação política de jovens desde que inserida nos mecanismos dos partidos políticos existentes. Isto, naturalmente, condiciona à partida o espaço de ação dos jovens que, como Quitéria, ambicionam provocar uma transformação na sociedade. Foi neste sentido que Quitéria criou a Rede de Mulheres Jovens Líderes de Moçambique, a qual lidera atualmente, e que tem o objetivo de promover o encontro e a interligação entre jovens líderes das várias províncias do país.

João Maria Jonet tem delimitado grande parte da sua participação política às redes sociais onde tem tentado promover a literacia sobre assuntos políticos da atualidade, sobretudo junto das camadas mais jovens. Este trabalho, confessa, parte de uma posição de privilégio, não só em relação aos jovens que vivem em Portugal como ele, mas também, e de forma mais vincada, em relação aos jovens que vivem noutras partes do mundo. João acredita que o seu tipo de ativismo, os assuntos que traz para as suas discussões, e o próprio público com quem interage é muito diferente do de outros ambientes e são, na verdade, as especificidades do seu contexto que lhe permitem fazer o tipo de ativismo que faz. João defende que ao investir-se no aumento da literacia da população, está-se automaticamente a estimular a participação cívica dos cidadãos. É neste sentido que as suas publicações e intervenções nas redes sociais tentam fugir um pouco aos temas mais prementes da atualidade, para conseguirem abordar as razões mais estruturais que motivaram esse acontecimento mediático. Reconhece que a sua participação num partido político lhe permite conhecer a realidade dos bastidores da política, mas tenta aproveitar este conhecimento para o incorporar nas suas publicações.

Hitler Samussuku tem já um longo percurso de ativismo político em Angola. Por influência do Hip-Hop na década de 1990, Hitler participou, em 2011, numa série de manifestações contra a longevidade do regime de José Eduardo dos Santos, as quais se constituíram, por volta de 2015, no Movimento Revolucionários mais estruturado e com atividade regular, o que valeria a condenação de 4 anos e 6 meses de prisão para este jovem ativista angolano. Após os seus anos na prisão, Hitler ajudou a criar o Movimento de Jovens pelas Autarquias, que lidera atualmente, com o propósito de resgatar a cidadania, de estimular as pessoas a participar na vida pública e de instruir os jovens sobre teorias e práticas políticas, tudo isto ao nível comunitário e autárquico. Hitler acredita que através da mobilização em comunidade e localmente é possível atingir os governos e instituições centrais.

Alcinda Honwana prossegue na discussão interrogando os participantes sobre a leitura que eles fazem da atualidade política específica dos seus países, mas também global, e como isso se interliga com o seu trabalho de ativismo político.

Muitos estudos sobre participação política em Moçambique afirmam que a maioria dos jovens moçambicanos não se interessam por política. Contudo, **Quitéria Guirengane** questiona se estas camadas jovens realmente se desinteressam pela política em geral, ou se este desinteresse é, na verdade, uma rejeição das formas tradicionais de se fazer política e, por isso, não é contabilizado como tal. Existe realmente uma ideia generalizada de que a política é um jogo sujo e viciado, onde vale tudo e se privilegiam sempre os mesmos. No entanto, o mesmo não será dizer que os jovens não se mobilizam de outras formas e não almejam formas diferentes de participar e intervir politicamente. Quitéria identifica um conjunto de problemas que ainda ocorrem na vida política moçambicana, desde assassinato de um observador eleitoral até reposição de uma mulher cabeça de lista previamente selecionada por maioria de votos, e que têm contribuído para a desmobilização e frustração das camadas jovens.

Ainda que partindo de um contexto bastante diferente, **João Maria Jonet** também identifica um conjunto de desafios no seu país, começando logo pelos altos níveis de abstenção e apatia política. Acima de tudo, João aposta na consciencialização dos jovens para o privilégio que é viver num país democrático que consagra e defende os direitos humanos e civis dos seus cidadãos. Obviamente que esta premissa não pretende negar a existência em Portugal de problemas estruturais que afetam a vida das pessoas. A título de exemplo, são enumerados como problemas a pobreza, o racismo e marginalização de camadas da população, a dificuldade de integração de imigrantes, e o custo elevado da habitação. Para além disto, e no que concerne a vida dos jovens portugueses em início de carreira, João frisa que a maneira como o mercado de trabalho e o sistema de segurança social estão estruturados em Portugal dificulta a emancipação dos jovens-adultos que se mantêm económica e socialmente dependentes das suas famílias até muito tarde. Esta situação perturba, por sua vez, a mobilidade social no país, onde as classes sociais economicamente mais elevadas são as que participam mais ativamente na política, também porque são elas que depois ocupam os cargos de poder. Lutar contra a precariedade laboral é lutar pela participação política, afirma João.

Quitéria Guirengane complementa o comentário anterior dizendo que muitas vezes um dos motivos que justifica os altos níveis de abstenção é que

as pessoas sentem que o seu voto não produz nenhum efeito de mudança na vida política. Ora, mas os mecanismos e momentos eleitorais servem para isso mesmo - para provocar mudança. Quitéria acredita que é possível consciencializar as pessoas de que o voto pode ser um mecanismo de validação ou rejeição pelo trabalho político feito e de responsabilização dos seus atores. Quitéria critica a aparência falsa da política moçambicana que faz transparecer um sistema amplamente democrático que garante a sua renovação ciclicamente. Com efeito, Moçambique tem um problema grave de renovação política, uma vez que a mesma elite de pessoas governa o país desde a sua independência.

E que papel podem desempenhar os movimentos juvenis na apresentação de alternativas e resolução destes problemas, pergunta **Alcinda Honwana**?

Pela sua experiência de liderança do Movimento de Jovens pelas Autarquias, **Hitler Samussuku** defende que o primeiro impacto da ação deste tipo de movimentos é a pressão que provocam nos órgãos de poder estabelecidos. Em segundo lugar, estes movimentos de jovens ao defender os direitos e reivindicações das populações locais de cada autarquia, tornam-se eles próprios líderes para as pessoas dessas autarquias. Estes jovens deixam de ser simples ativistas, e passam a ser os novos atores que estão a preparar o caminho para uma mudança política. Hitler adiciona que as redes sociais são usadas como uma ferramenta para o seu ativismo, maioritariamente para a divulgação de mensagens e transmissão de informação.

Quitéria Guirengane acredita que as redes sociais estão a ser usadas pelos jovens como um mecanismo de ampliação das suas vozes e das suas ideias, o qual ainda não foi assimilado pelas estruturas de poder existentes. Ademais, as redes sociais têm também acelerado a divulgação e aumentado o número de pessoas que lê notícias polémicas no país. E isto naturalmente contribui para o aumento da frustração da população. Por outro lado, as associações também têm muito peso para a mobilização e promoção da atividade política. Mas para tornar estas associações mais eficazes, seria importante colocá-las em diálogo e cooperação para, assim, se criarem espaços mais alargados com maior capacidade de influência. É neste sentido que a Rede de Mulheres Jovens Líderes de Moçambique tem

feito o mapeamento de associações e grupos de jovens no país para depois os colocar em contacto e dinamização entre si.

Já para **João Maria Jonet**, a política nos países ocidentais está construída de forma a possibilitar a participação aberta dos cidadãos. O problema é que eles não participam. Repetindo a mesma ideia exposta pelos outros participantes, as pessoas devem participar precisamente quando as coisas não estão bem, ou quando não estão de acordo com o que deveria ser segundo o seu entendimento.

Ampliando o quadro da discussão, **Alcinda Honwana** pergunta sobre os desafios que os jovens encontram nos países de língua oficial portuguesa e de que forma esses jovens podem cooperar para encontrar formas de tornar a sua ação de intervenção política mais eficaz.

João Maria Jonet afirma que existe falta de comunicação e colaboração entre os órgãos políticos, em especial os partidos políticos, dos vários países de expressão portuguesa. Assim como os partidos políticos portugueses estão muito fechados sobre si mesmos, também os partidos dos restantes países de língua oficial portuguesa têm dificuldade em estabelecer sinergias com os seus pares. João defende que a excessiva formalização e institucionalização dos partidos políticos dificulta esta comunicação e interligação, que seria bastante benéfica.

Num país onde os meios de comunicação são totalmente controlados pelo estado, **Hitler Samussuku** admite que a comunicação e interligação de jovens e movimentos em Angola é muito difícil. A possibilidade de partilhar informação, ideias e opiniões entre os jovens seria essencial para constituir uma sociedade civil mais coesa, por um lado, e movimentos mais fortes, por outro lado. Moçambique tem prestado grande apoio aos ativistas angolanos, porque sempre que existem manifestações em Angola, grupos moçambicanos divulgam-nos e publicitam-nos nas suas redes sociais e meios de comunicação. Esta é uma estratégia de cooperação que deveria ser replicada no espaço da CPLP, diz Hitler.

Quitéria Guirengane informa que a Rede de Mulheres Jovens Líderes de Moçambique tem investido no estreitamento de relações com diferentes

organismos e organizações de nível internacional e continental - neste caso africano - com o principal objetivo de partilhar experiências e lutas. Quitéria sublinha que é necessário um tipo de rede CPLP de resposta rápida aos eventos. Enquanto secretária executiva do Observatório das Mulheres de Moçambique, a criação deste tipo de redes tem sido essencial para a efetivação da atividade política da organização.



Assista a esta sessão no nosso canal de Youtube:

<https://www.youtube.com/clubedelisboa>

O Clube de Lisboa visa projetar a capital do país como espaço de reflexão, debate e intervenção sobre a agenda internacional, com realce aos temas do desenvolvimento sustentável, da globalização e da segurança e com particular atenção aos desafios estratégicos para o futuro e o papel de Portugal na Europa e no mundo.

[#clubedelisboa](#) [#lisbontalks](#)



INFO@CLUBELISBOA.PT

Rua S. Nicolau, 105, 1100-548 Lisboa | +(351) 213 256 302

www.clubelisboa.pt